

PORTO DO CAPIM: INCLUSÃO SOCIAL E RESGATE CULTURAL ATRAVÉS DA INICIATIVA “PORTO DO CAPIM EM AÇÃO” NA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Marcos Michael Gonçalves Ferreira (1); Herbet Candeia Rodrigues (2); João Paulo da Silva (3); José Herculano Filho (4); Katilly Joyce Paulino de Medeiros (5).

- (1) *Faculdades Integradas de Patos, arquiteturaamm@yahoo.com.br;*
(2) *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, herbertcandeia3@gmail.com;*
(3) *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, joao.silva@ifpb.edu.br;*
(4) *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, herculanofilho@yahoo.com.br;*
(5) *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, katillyp@gmail.com.*

Resumo:

Em fevereiro de 2018, os estudantes do IFPB de Patos tiveram a oportunidade de adentrar e de viver uma experiência etnográfica na localidade ribeirinha situada às margens do Rio Sanhauá em João Pessoa, o Porto do Capim, com o objetivo de externalizar para as pessoas como esta, que é marginalizada, de risco social e que deu origem ao, hoje, estado da Paraíba, vem trabalhando a favor da luta de resistência e preservação da cultura local paraibana e de sua identidade através de projetos de âmbito social advindos da determinação dos próprios moradores como o Porto do Capim em Ação. Somando forças, iniciativas coletivas como essas buscam manifestar à população o cotidiano e a maneira de viver dos habitantes do Porto do Capim e a relembra-la da importância de resgatar e preservar os tantos saberes e culturas populares, desenvolvendo diariamente iniciativas de transformação do espaço coletivas que cultuam a preservação e a inclusão do Porto, das pessoas e dos vários símbolos que o berço da grande João Pessoa carrega.

Palavras-chave:

Inclusão Social; Etnografia; Comunidades; Porto do Capim; João Pessoa.

Introdução

Arantes (1982) frisou, quando falava de tradição, que o povo é um clássico que sobrevive: é como se o presente conseguisse explicar o passado, onde os saberes e as tradições estão todos enraizados nas pessoas. São partes do passado que resultam o agora e, segundo Gramsci (1935), transformam as pessoas num aglomerado indigesto de fragmentos. Nesse vai e vem cultural, em que os costumes podem acabar sendo enraizados ou perdidos, preservar o que está a nossa volta é um tema que ganha bastante destaque dentro de um meio onde as grandes transformações, os saberes e as tantas relações humanas que foram construídas e concretizadas por nossos antepassados ajudam a constituir o nosso mundo. Apesar de tudo, muitas das tradições e muitas das relações vividas nas gerações anteriores têm se perdido ao longo dos tempos: são danças, cantorias, ritmos e oralidades que acabam sendo deixados de lado e, infelizmente, enterrados com os anos; o que resta como solução e, acima

de tudo, dever, no final, é a luta pela preservação das várias vertentes culturais, onde as pessoas devem exercer o papel de trabalhar diariamente para dar continuidade a elementos materiais, culinários, musicais, orais, escritos e rítmicos pertencentes ao seu meio.

Num cenário de vulnerabilidade social, advinda de um processo histórico que envolveu desvalorização e descaso por partes governamentais, onde falta tudo, desde segurança até saneamento básico, os moradores pertencentes à Comunidade Porto do Capim vêm sendo transformadores de seu espaço social através de aparatos que são utilizados como ferramentas na luta de resistência, preservação e inclusão social do espaço em suas várias vertentes. Eles são, em síntese, modificadores do seu meio, em tese, quando o que deixa claro as atitudes e motivações dessas pessoas em agir sobre a realidade em que vivem é a concepção de Arantes (1982) que diz que cultura popular é, antes de mais nada, uma consciência revolucionária, um tipo de ação sobre a realidade social, sendo exatamente o que os habitantes vêm realizando no Porto do Capim através do Porto do Capim em Ação e do Ponto de Cultura Comunitário, com iniciativas que tem como objetivo a integração de jovens e crianças à sociedade, seja por meio do arrasta pé de ritmos nordestinos seja pela iniciativa do ensino de instrumentos musicais; quando os valores se agregam, todos os trabalhos são elementos essencialmente transformadores que auxiliam a construir e a solidificar os direitos e deveres que envolvem a tarefa de ser cidadão.

Metodologia

Através de uma vivência etnográfica realizada no mês de fevereiro na comunidade ribeirinha Porto do Capim, esta que está localizada no centro histórico de João Pessoa que outrora abrigou um grande local de trocas comerciais em todo o estado da Paraíba, os alunos extensionistas do NUPEDI/CNPq, grupo este pertencente ao IFPB de Patos, puderam presenciar o que moradores do Porto do Capim vêm realizando na localidade com o objetivo de resgatar os marcos de sua cultura popular e de, através deste resgate, trabalhar e desenvolver inclusão social diariamente. As realizações dos moradores do Porto agregam associações comunitárias como o Porto do Capim em Ação, grupos formados e liderados exclusivamente por mulheres como as Garças do Sanhauá e iniciativas culturais como o Ponto de Cultura Comunitário que conseguem manter seu mecanismo de funcionamento graças à união dos habitantes do Porto.

O Porto do Capim em Ação, dentre outras iniciativas coletivas que visam a inclusão social de jovens e adultos moradores da comunidade, vem transformando o espaço e a vida dessas pessoas através de oficinas e a criação de grupos folclóricos, que visam resgatar, conservar e fortalecer as culturas populares tão presentes nas origens da Comunidade. É importante lembrar que os projetos físicos conseguem se manter e se perpetuar por meio dos recursos financeiros advindos de propostas coletivas para arrecadação de fundos como vendas, eventos, etc; outra proposta nascida no Porto do Capim foi a de Turismo Alternativo, que, além de visar a acumulação de capital e recursos necessários para bancar todas as atividades ligadas à inclusão como as oficinas, a compra de materiais das roupas dos grupos folclóricos e etc., enxerga também uma forma de retirada do preconceito por parte da grande João Pessoa em relação à comunidade.

Sobre o material utilizado para a composição deste trabalho, as diversas experiências dos moradores utilizadas foram arquivadas através de gravações de voz que posteriormente foram transcritas, onde estas foram obtidas pelos próprios celulares dos alunos durante a vivência etnográfica; é importante deixar claro que tais gravações foram exclusivamente autorizadas pelos seus locutores. As fotografias aqui aplicadas para ilustrar os processos de inclusão social e resgate cultural realizado pelos moradores foram formadas pelas câmeras dos celulares dos alunos, pela câmera fornecida pelo IFPB e também foram retiradas da página oficial pertencente ao próprio movimento “Porto do Capim em Ação”, localizada em www.facebook.com, todas com o devido consentimento e créditos dos detentores.

Resultados e Discussão

As iniciativas coletivas advindas do Porto do Capim vieram da necessidade de unir e combater as dificuldades sócio-políticas da comunidade. Com a unificação dos moradores, surgiu o Porto do Capim em Ação, que é uma associação com o objetivo de lutar por autonomia, integridade, participação política nas decisões referentes ao Porto, saneamento básico e inclusão social/digital na Comunidade.

O Porto do Capim em Ação é um movimento que resultou vários frutos e possibilitou o surgimento de organizações como as Garças do Sanhauá, a Associação de Moradores do Porto do Capim e o Ponto de Cultura Comunitário. Rossana, ativista do Porto e integrante das Garças diz que [...] no meio desse movimento todo, surgiu a associação de quatro jovens

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

mulheres que resolveram dar ainda mais resistência, engrossar esse caldo que vem da comunidade, as Garças do Sanhauá, que vão para uma vertente mais cultural, voltada à atividades culturais, mais artísticas, desenvolvidas no Ponto de Cultura Comunitário [...]. Elas, em uma pequena casa alugada situada no coração do Porto, denominada Ponto de Cultura Comunitário (que é uma iniciativa que partiu delas), vem disseminando desde o xaxado, difundido pelos cangaceiros com o arrasta pé da enxada, até o coco, com as suas rodas, cantoria e repicar acelerado dos sapatos batendo no chão, passando por oficinas de expressão corporal, fabricação de instrumentos, poesia e pintura trabalhados com as crianças e jovens da Comunidade.

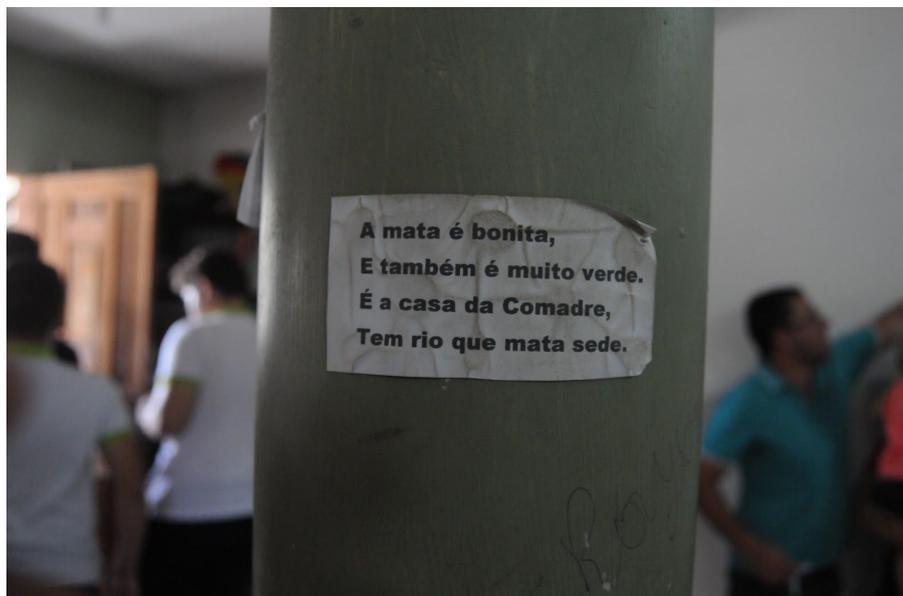


Figura 1: Parte de poema escrito por crianças em oficina realizada no Ponto de Cultura Comunitário sobre lendas locais, na qual os versos narram a importância do mito da Comadre Fulozinha. Fonte: O Autor.

Em sua jornada, as Garças vem empenhando-se com muita perseverança e alegria com as crianças do Porto com o objetivo de legitimar e dar continuidade aos muitos saberes populares. São movimentos como esse que trazem de volta o brilho e um olhar esperançoso que acredita de forma inquestionável que, através da luta, é possível resgatar cada fragmento de uma personalidade cultural local, regional e nacional e de que as pessoas podem e devem lutar por dignidade. Freire (1996) diz que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção: a luta que o grupo das Garças

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

vem desenvolvendo na comunidade tem uma participação gigantesca em vários âmbitos de seu contexto social, a partir do momento em que se percebe que elas vêm despertando nas pessoas o sentimento de luta por direitos e, mais importante ainda, o de consciência cultural e desenvolvimento de sua própria realidade. Arantes (1982) relembra isso quando fala que interpretar o significado das culturas implica em reconstituir, em sua totalidade, o modo que os definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas suas relações com outros grupos e com a natureza, nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo.



Figura 2: Nos muros da escola João Félix, localizada em João Pessoa, foi montado um painel para que os moradores e visitantes do Porto do Capim expressassem seus anseios em relação à comunidade. Fonte: Porto do Capim em Ação.

Com o objetivo de incluir os habitantes do Porto ao mundo digital foi conquistado pelas Garças do Sanhuaú o Wi-Fi Público Comunitário, este que possibilita para os moradores a abertura de portas para o conhecimento e uma interação comunicativa com o mundo através dessa grande rede de comunicação e disseminação de informações que é a internet para a Comunidade. Rossana conta que, hoje, depois de instalada os serviços de rede, pode-se observar que as crianças, os adultos e os idosos ganharam o hábito de ficarem sentados em suas calçadas com o objetivo de conseguir acessar ao Wi-Fi, todos conectados ao mundo virtual.

O Ponto de Cultura Comunitário promove periodicamente oficinas, todas inclusive ministradas pelas Garças, que abordam assuntos que passam desde a iniciação à música até o

manuseio de instrumentos musicais provenientes de ritmos nordestinos como as alfaias, os ganzás, os pandeiros e um tipo de tambor artesanal feito de lata que produz um som estridentemente agudo. Vale ressaltar que grande parte dos instrumentos usados pela comunidade foram produzidos manualmente pelos próprios moradores no Ponto de Cultura, a exemplo dos tambores citados anteriormente, que passaram por todo um processo de criação desde a coleta de materiais recicláveis nas redondezas, como a própria lata utilizada na estrutura do instrumento, até serem confeccionados pelas crianças da comunidade, o que encoraja, além de uma consciência ambiental e criativa, o lado artístico delas, já que essas, durante a oficina, ficaram livres para pintar e decorar a sua própria maneira os instrumentos que hoje são utilizados no local. Inclusive, em algumas situações, é um trabalho muito delicado que exige uma habilidade manual surpreendente, como é o caso específico da fabricação das alfaias, que necessitam de todo um aparato técnico perfeccionista desde a secagem do couro do bode até o tipo de madeira utilizado e a forma como ela deve ser modelada em formas circulares para funcionar como uma caixa acústica para a passagem de som para o instrumento. Ainda, utilizando do viés artístico, são desenvolvidos na Comunidade objetos artesanais como forma de renda extra para os moradores, onde as fabricações vão de luminárias até camisas que carregam dizeres e símbolos da luta e são vendidas a pessoas que visitam o Porto.



Figura 3: Confeção de camisas artesanais na Comunidade como forma de gerar renda aos moradores. Fonte: Porto do Capim em Ação.



Figura 4: Grupo Folclórico desenvolvido no Ponto de Cultura Comunitário denominado “Xote das Meninas”. Fonte: Porto do Capim em Ação.

Em uma sociedade onde o capital move o mundo, nada das iniciativas mencionadas teria sido possível se não houvesse meios de se obter recursos financeiros para manter todos os projetos de âmbito social em funcionamento no Porto do Capim. Desta maneira, um dos vários métodos adotados pelas Garças e os moradores para o sustento do Ponto de Cultura e os outros projetos mais advindos da comunidade foi o turismo alternativo, este que proporciona uma experiência em que, partindo do Ponto de Cultura, a Comunidade promove um tour pelo Porto visitando pontos que auxiliam no entendimento por parte das pessoas sobre o contexto em que a localidade está inserida e o processo histórico que é responsável pela situação em que hoje vive a localidade, de modo que esses também contribuem para a preservação e proliferação da cultura local ribeirinha e, pouco a pouco, acabam com os pré-julgamentos enxergados em relação à comunidade, visto que esta é vista com maus olhos por grande parte da cidade de João Pessoa. Ainda, outra solução encontrada para o sustento do Porto do Capim em Ação foi a organização de bingos e bazares realizados nas instalações do Ponto de Cultura Comunitário, onde a situação deu a deixa para que fossem vendidas comidas típicas que explicam em muito sobre a região do Porto como a mariscada (prato cujos ingredientes principais são frutos do mar), além da venda de feijoada e até mesmo de brigadeiro.

Conclusões

Pensar a cultura e seus múltiplos elementos é cada vez mais necessário diante dessas alterações globais. Os avanços tecnológicos e econômicos vem transformando as relações sociais e culturais. A sociedade contemporânea está erguida ao redor de vários fluxos: de capital, de tecnologia, de interação organizacional, de imagens, de sons e símbolos. São a expressão dos processos que dominam a vida econômica, política e simbólica (Castells, 1999). Todo esse processo decorre do advento da globalização e sua lógica mercadológica que homogeneiza os mercados mundiais, impõe o consumismo e envolve todas as esferas sociais, principalmente a cultural. Elementos populares acabam desintegrando-se diante de um sistema mercadológico, este que, por sua vez, vem modificando as relações tradicionais e reconfigurando as instituições. Para Bauman (2006), por exemplo, estamos diante de uma modernidade “líquida”, “veloz”, um campo social e cultural efêmero, onde as mudanças são cada vez mais profundas e rápidas. Em um universo de produção em massa, as culturas populares tentam ao máximo resistir. Resistir não implica somente posicionar-se diante de um mundo dividido entre culto e popular, oprimidos e opressores. Resistir significa, aqui, resgatar, fortalecer.

A educação focada no resgate dos costumes, tradições e saberes populares, aqui, transcende não só o conhecimento quando ela passa a ser objeto de transformação social em áreas de vulnerabilidade como a Comunidade. As tantas conquistas de resistência e inclusão descritas só foram possíveis graças à colaboração dos muitos moradores do Porto que unem forças e, juntos, trabalham diariamente para dar continuidade a elementos materiais, culinários, musicais, falados, escritos e rítmicos que foram sendo construídos ao longo dos mais de 70 anos de história vividos pelas pessoas que habitam os arredores do Rio Sanhauá: o Porto do Capim.

Referências

- ARANTES, A. A. **O QUE É CULTURA POPULAR**. São Paulo: brasiliense, 1982;
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006;
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999;
- EVANS-PRITCHARD, E. “**O campo da antropologia**”. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1975;

GRAMSCI, A. **UM AGLOMERADO INDIGESTO DE FRAGMENTOS?** In: A. A. Arantes, **O QUE É CULTURA POPULAR** (pp. 7-22). São Paulo: brasiliense, 1982;
LAPLANTINE, F. **APRENDER ANTROPOLOGIA**. São Paulo: brasiliense, 2003;
Santos, J. L.. **O QUE É CULTURA**. São Paulo: brasiliense, 1983.